

LISBOA—Museu Archeologico.—Estatua de S. João Nepomuceno

Phot. Viriato Silva

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 213

Braga, 28 de Julho de 1917

Anno V

Capas para os colleccionadores da "Illustração Catholica,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcoçaba.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 7, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos meliores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceu, Commercial e Instrucção Primaria.

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor na Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

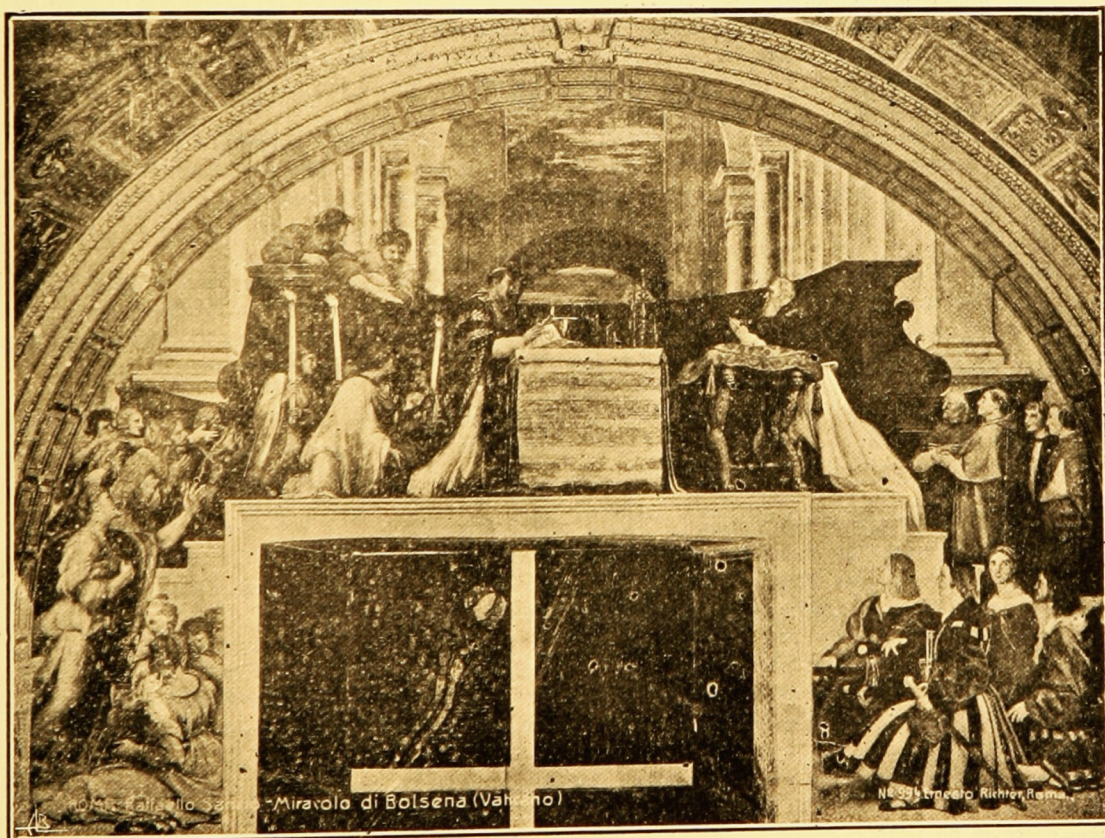
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 28 de Julho de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 213—Anno V




Milagre de Bolsena

(Raphael—Vaticano).

Vid. art. Palestras de Arte Christã.

CHRONICA DA SEMANA

Duas páginas.

“  OM um forte colorido de humorismo, cujo segredo ainda hoje guarda a sua geração, que a *blague*, um dicto de espirito, um paradoxo, uma rapida impressão de arte acima de quaesquer ideias e systemas preocuparam, e que fez dos passeios como das mezas dos cafés logares apeteceveis, — ha dias elle contava como o seu encontro inesperado com uma facil mulher d'outros tempos, hoje recamada de joias e coberta de carissimos vestidos, lhe proporcionara conhecer os *dessous* (Fialho alludiria cruamente a roupas brancas) de uma boa parte dos homens que ahi fingem attitudes de evangelisadores desapegados do vil interesse monetario, de estadistas enrigecidos n'uma austeridade surprehendente, de operosos laboradores da coisa publica só a ella de corpo e alma devotados. Ramalho n'uma chronica admiravelmente trabalhada sobre a vida mundana do Paris de ha vinte annos, dava á *cocotte* a função socialmente protectora, de descongestionar a bolsa do banqueiro e assim livrar o paiz da oppressão e absorpção capitalista: era como o sapo, noventa mas util. E eu vou a dizer que não é máu que tambem se conheça a travez de certos reposteiros côr de rosa a véra contextura d'esses homunculos genialmente archititados para reduzir as nações á evidencia dos proprios males, por meio de uma ridicularisação achincalhante dos seus brios, para lhes dar a conhecer a sua posição real, mui semelhante á do heroe gulliveriano quando estendido na praia a dormir, cahiram sobre elle as chusmas dos de Liliput, como mosquitos. . .

— Um que d'antes andavava a levar noticias policiaes para as gazetas, palmilhando as ruas n'umas botas dessóladas, offerecera lhe ha tempos, volvido ás honras de secretario particular de Robespierre, um collar de pérolas que pagou por um conto de reis. Outro, de negra barba e cabelleira revolta que tonitrua contra a immoralidade dos padres, reclamando o laico ensino (porque demais a mais ao homem foi entregue o destino de estabelecimentos d'instrução, — oh! o progresso!) e escrevendo para o povo *sermões da montanha*, com caricaturas póses á Tolstoi, presenteara-a com cincoenta escudos de meias de seda, das melhores! Tal ministro, tem-no visto ella abdicar em certo club, das suas funções de chancelier, e levar, prêsso de ebriez despejada, pancadaria da amante!

E quantos casos identicos fulgurantemente reveladores . . .

Não julgue o leitor que isto é do auctor d'estas fugidias impressões semanaes. Não! Isto é d'um livro de memorias d'um viajante inglez em Portugal. . . ha muitos, muitos annos! Nem eu sei já quando! Cahiu-me nos olhos de lombada n'um alfarrabista alli para os lados da Sé, quando ia lendo umas cartas zincogravadas no jornal *A Manhã* e aprehendidas com 30 contos por ordem do governo, a umas pobres senhoras que foram mandadas para fóra do paiz por haverem professado n'uma ordem religiosa, a fim de praticarem duas coisas horriveis para a *virtude official* — a castidade e o bemfazer christão!

Mas este contraste nada representa . . . Enganáram se aquelles que se julgam já livres da crise revolucionaria. Ella continua. Ha decerto uns rumores de catétra que nós todos, os que formilhamos na humilde planicie ouvimos distinctamente, não nos admirando que por vezes do brazeiro infernal que fervésce, um jacto de lava irrompa e, vá cahir lá no alto, em meio do festim. Mas essa catétra, quando explodirá? E explodindo não subverterá tudo? E das cinzas renascerá o mundo novo, depurado pela lixivia? . . .

Ha signaes de castastrophe, sem duvida, uma simples phrase, um gesto, um risco de detalhe. Ainda ha pouco, quando, creio que no Polytheama, de Lisbôa, se exhibia a fita *Madame Tallien e Robespierre*, na altura em que este ultimo personagem subia ao palco fatal da guilhotina, hirto, elegante, pálido, atroz, uma voz da geral, desconhecida — que alguns politicos symbolistas imaginaram vir do infinito, — bradou clara:

— E' isto mesmo que lhe ha-de acontecer a elle!

Ninguem ousou pôr o nome no logar do pronome pessoal, mas estava na mente de todos. E ninguem ousou porque hoje, a nossa sociedade é todo um publico espectador de circo em cuja arena se desenrolasse o mais vivo e sangrento dos combates. Ella habituou-se ao trágico e o trágico deixa-a ferida, muito ferida, é certo, mas inérte.

E' um quadro de attração do horrivel? Talvez, mas é a realidade.

Veja-se esse inflar de thesouros, a formação d'uma plutocracia á sombra da preponderancia republicana, plutocracia em que tomam parte os mesmos conservadores ou que tal se dizem, atando cada vez mais, de dia para dia, os seus laços de interesses a uma situação que declaram aborrecer.

São os *novos ricos* firmando a Revolução. Os bens ecclesiásticos e os lucros da guerra de que os governantes, suspicazes e manhosos, abriram mão, creáram essa transferencia de fortunas, em proveito dos compradores de conventos, de quintas de emigrados que se arruináram, e de espéculadores da crise do paiz. Esse lucro que ahi escandalisa a todos, não é mais que uma riqueza ganha á pressa e mal adquirida, que mal e apressadamente se esbalge. O povo remorde-se de fome.

O rico expande affronta do seu espavento. Resultado: tumultos em Lisbôa, e em Lisbôa e não em outra qualquer parte do paiz porque o rico é hoje o afilhado dilecto do governo. Em 1795 (15 de janeiro, anno II) alguém escrevia na França revolucionaria: «*L'éfronterie du luxe, surtout celui de la parure, surpasse à Paris tout ce que le temps de la monarchie offrait en ce genre de plus immoral*». E contava-se que a mulher d'um deputado chamado Tallien pagára por 12.000 libras um vestido á grêga. . .

D'esta maneira, a plutocracia é e será republicana porque *os interesses estão creados*. Resta apenas saber se a fome (vamos ter pela primeira vez, desde o convenio, notas de 5 e 10 tostões) lançando a nação n'uma especie de anemia complicada de nevropathia; se a prostração de forças succedendo á fêbre ardente, com intermittencias de espásmos, se o prazer enervando tudo e todos, — não vão atirar a nação aos pés do primeiro que appareça no Terreiro do Paço ou na fronteira. . .

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

A fonte dos olhos.



meio da serra, na curva discreta d'um matagal bravio, onde algumas carvalheiras exiladas, ramalham sombras frescas de mata conventual, ergue-se uma pequena, ingenua fonte, que a credencia apavorada dos pastores, enche de lendas e sortilegios fataes. Fonte d'aguas salgadas, fonte venenosa de maleficio e crime, que não conhece a musica suave das cachoeiras e das bicas e só murmureja a melodia commovida das lagrimas, quanta desgraça tens semeado, quanto ingenuo pastor que mordido de cansaço e de sede sua agua tentadora bebeu, alli deixou perdido d'entendimento e da saude! E como resa a lenda, que no ventre negro da montanha se escondem as ruinas d'um velho senhorio moiro, logo o povo airma, que o extranho fragor que lá dentro se ouve, é o marulho irado d'um braço de mar que sobe ameaçador pelo passadoiro subterraneo, que outrora ligava os fóssos do castello ao porto visinho, e vem alimentar aquellas bicas.

A fonte afinal tem o seu que d'extranho e desusado no meio da simplicidade ingenua d'aquelles montes, e surprehende a arte infantil da sua cornija, n'aquelle retirado logar. No retangulo de granito tosco que morre na sobriedade da cornija um carão de pedra mal lavrado, jorra pelos dois olhos fundos e sinistros, como as orbitas sem vida d'uma caveira a agua salgada do maleficio, que tanto apavora em dez leguas em redor. E' uma cara de mulher, os cabellos abertos em bandos d'apparição a bocca rasgada n'um sorriso esprimindo suavidade, sem arte mas sem horror, e até com um certo ar de boa e tranquilla ternura, que só aquelles olhos esbugalhados, fundos, tem pavor e tragedia, jorrando lagrimas, que não enternecem mas assustam, deprendendo num desafio, as aguas que são um olhar de maldição d'aquelles sinistros olhos de pedra!

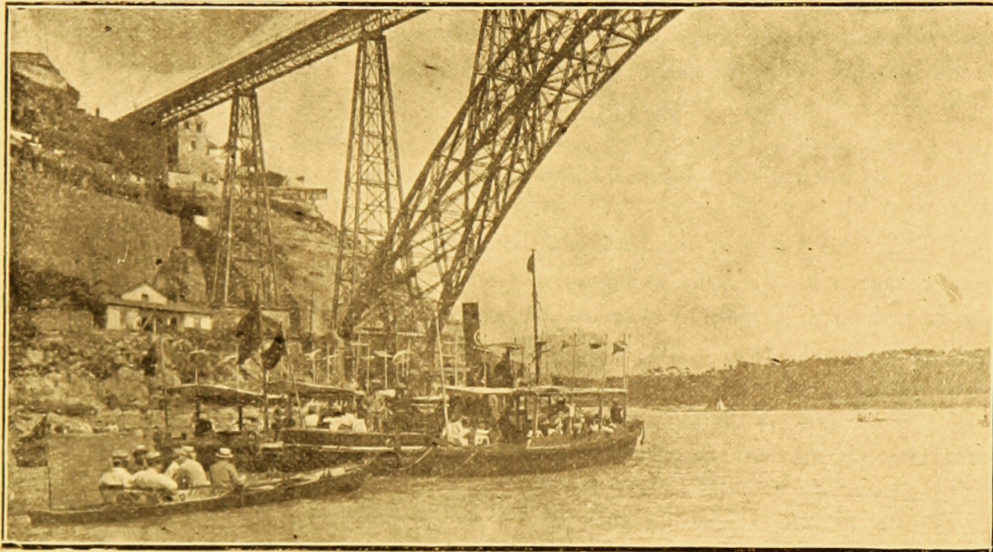
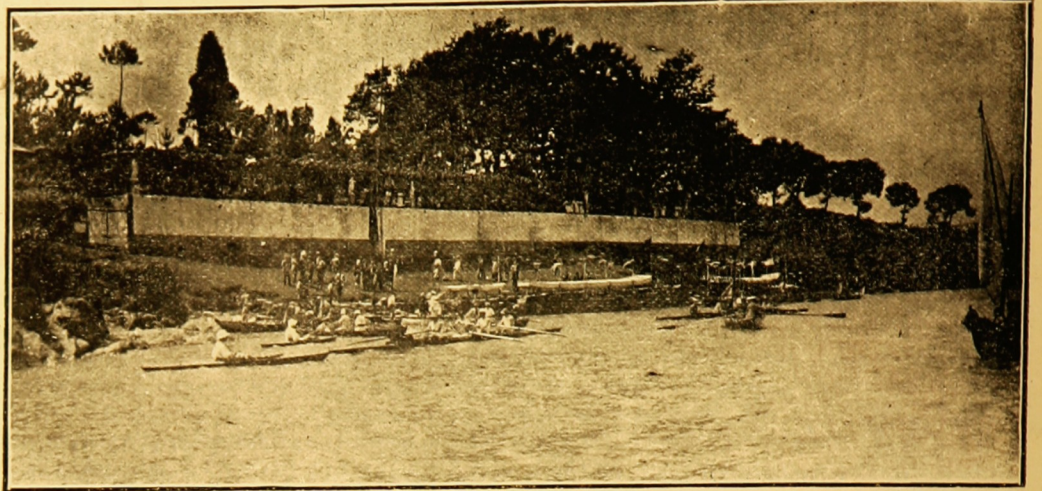
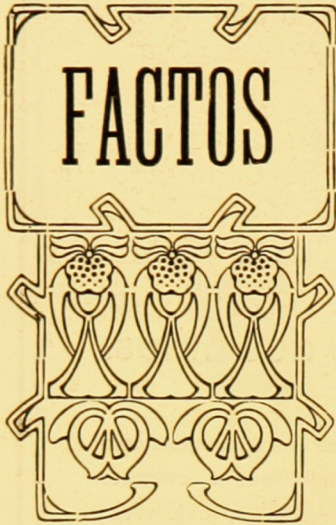
Como iria parar àquelle cerro a misteriosa fonte? Talvez obra d'um eremita, talvez devaneio de pastor fazer d'algum bandido a monte, mordido de remorsos e de solidão. Talvez! Mas não tem uma letra, um numero um indicio e só aquella imensa cara de pedra e a ingenua cornija, revelam longinqua, a mão do homem. As tardes quando o sol esbraseia, no seu berço do poente, vistos de longe, aquelles dois jorros d'agua semelham, lavas fulvas cachoando em luz e cor, como os bicos phantasticos d'um cadinho monumental, enchendo d'apavorado susto os pastores que vão descendo os gados para a segurança acolhedora dos redis, e pelas noites a musica d'aquella fonte, echoa sinistra n'um clamor presago de choro e de paixão, levando n'um arripio pelas aldeias adormecidas a voz estentorica do pavor, . . .

Na tarde em que subi a ingreme ladeira e me abeirei da fonte, quis o acaso, que junto d'elle tambem repoussasse um peregrino, e vencida a sua reserva desconfiada de caminheiro, d'elle ouvi o que para memória d'essa fonte aqui transcrevo cumovido.

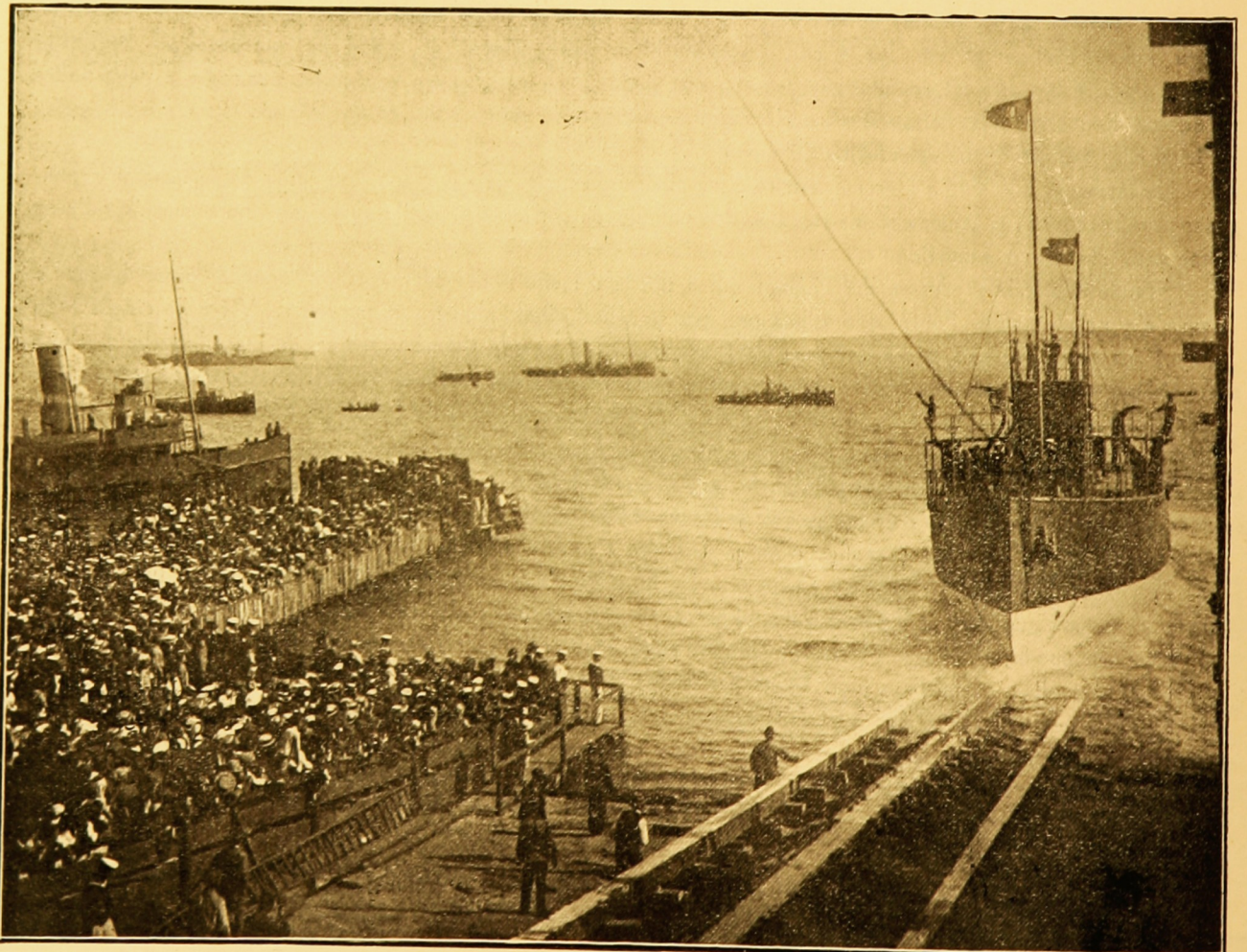
« Fonte dos olhos! Assim lhe chamou quem por seu muito poder fez esculpir aquella cara, lavar a lizura d'aquella cornija. Fonte dos olhos que por aquelles olhos alguém se perdeu!... Viéra da cidade todo preso n'um amor que não podia ser bem visto, e seu anjo da guarda dera-lhe rebate, de que n'aquelle caminho se perdia e tudo abandonando para aquella monte viéra, purificar-se, esquecer!... Nos vagares da sua vida de meditação vinha até aquella canto, onde havia um banco ingenuo de pastor e d'onde se divisava entre sombras a cidade longinqua. Ia esquecendo, ia, mas uma noite que uma saudade mais funda o mordeu evocou a figura querida, e logo ella alli lhe appareceu na fonte, tentado-o seduzindo-o... Desvairou e dispunha-se a acompanhala quando seu anjo lhe appareceu e uma nuvem de fogo o arrebatou de subito. Ella chorava, chorava, diabolica, infernal mas chorava... e para seu castigo o anjo, em pedra a tornou dizendo: assim por todo sempre chorarás que, tuas lagrimas não secarão jamais; assim viverás no meio d'este serro eternamente jorrando as tuas lagrimas repetindo as tuas supplicas, teu corpo empedernido, que o tempo irá comendo voráz.

E logo n'uma fragua que se alisou, aquella cara appareceu, chorando, chorando, salgadas lagrimas de maleficio. Fonte dos olhos assim para todo o sempre ficou» . . .

E logo o velho desapareceu com seu bordão de peregrino, e seu esfarrapado tabardo de romeiro, ladeira acima parecendo-me que as lagrimas nesse momento redobraram mais crueis. Quem seria o extranho velho? Talvez o unico peregrino decerto aquem aquella fonte de salgadas aguas, mitigaria a sede, aquella sede abrasadora e extranha, d'errante caminheiro d'um remorso!... Talvez!...



PORTO
 Passeio Fluvial
 promovido pelo Club
 Fluvial Portuense
 1— A chegada da
 flotilha á quinta das
 Carvalheiras
 2— O rebocador que
 conduziu os convidados
 Phots. J. Azevedo.
 LISBOA
 3— O lançamento á
 agua da «Mandovy»





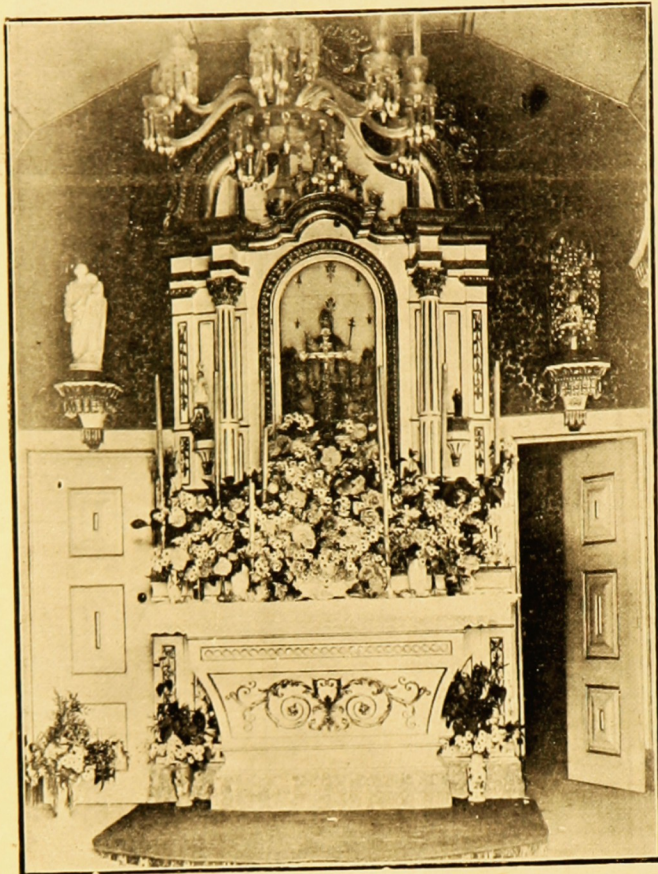
OLIVEIRA DO HOSPITAL— Grupo de Senhoras que promoveram a Festa da Flôr

Phot. Correia & Moreira.



FORNOS D'ALGODRES A igreja da Misericórdia

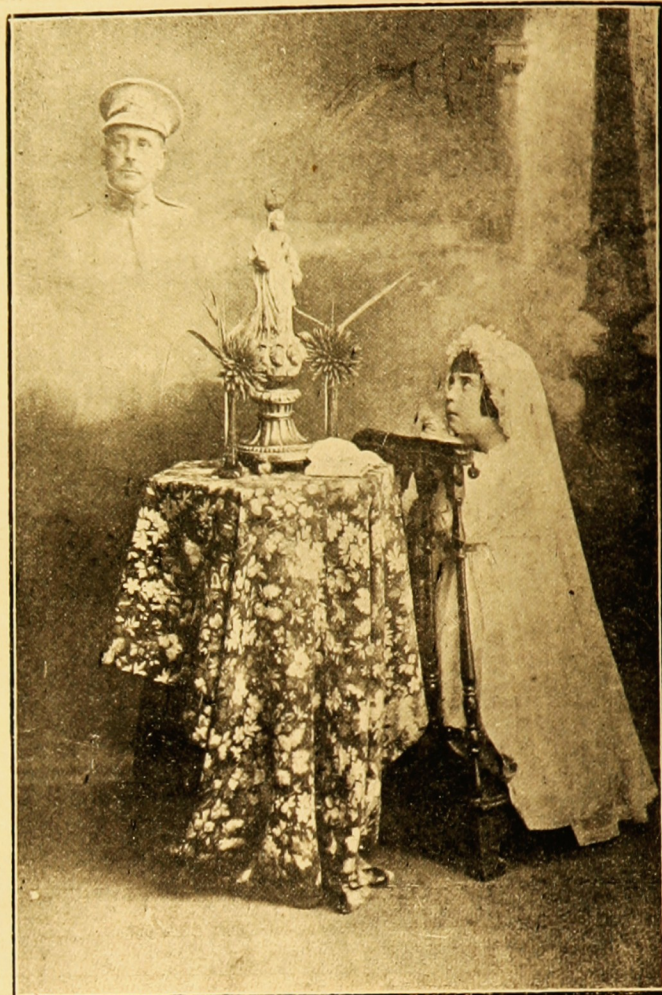
Phots. Correia & Moreira—Porto.



OLIVEIRA DO HOSPITAL

O altar da capella do Ex.^{mo} Sr.
Dr. Lourêço Justiniano da
Fonseca e Costa durante o Mez
de Maria.

Phot. Correia & Moreira—Port.



BRAGA

A menina Maria do Carmo, após a sua
primeira communhão, orando á Virgem, por
intercessão de seu paí, agora em França,
o illustre tenente d'Infantaria snr. Francisco
Lopes d'Azevedo, d'esta cidade.

Phot. Aliança.



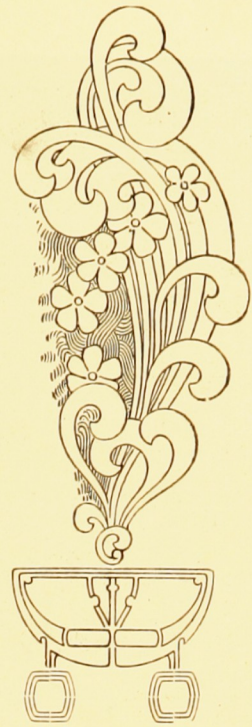
BRAGA

O Mosteiro de Santa Maria
Magdalena na Falperra,
onde se realisa todos os annos a Romaria de Santa Martha
no dia 29 de Julho.



BRAGA

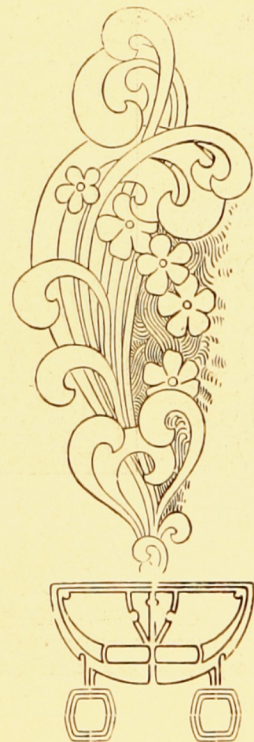
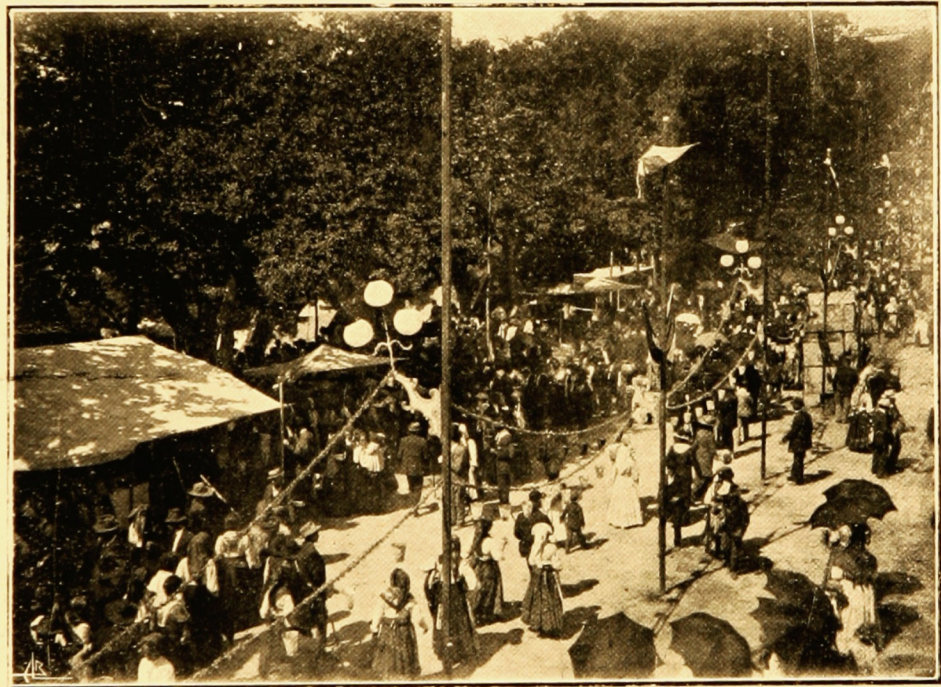
Edificio e capella do convento
de Santo Antonio na Falperra.

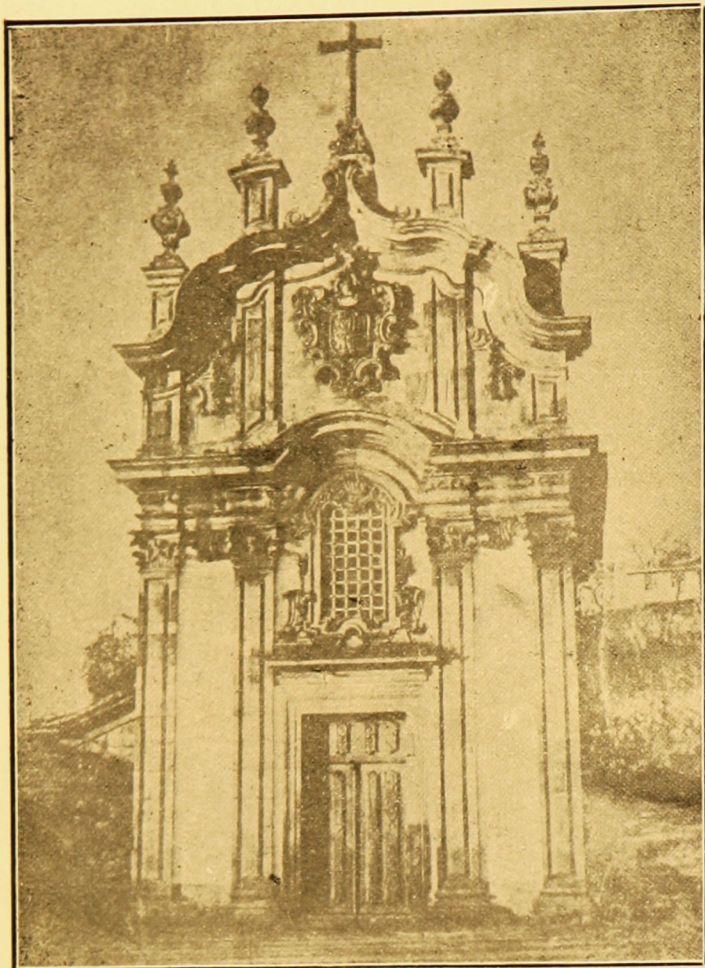


*Um aspecto do arraial
no dia da romaria
na Felperra.*

*2—Outro aspecto
da romaria.*

*3—O lugar das
tendas e dos fornos.*





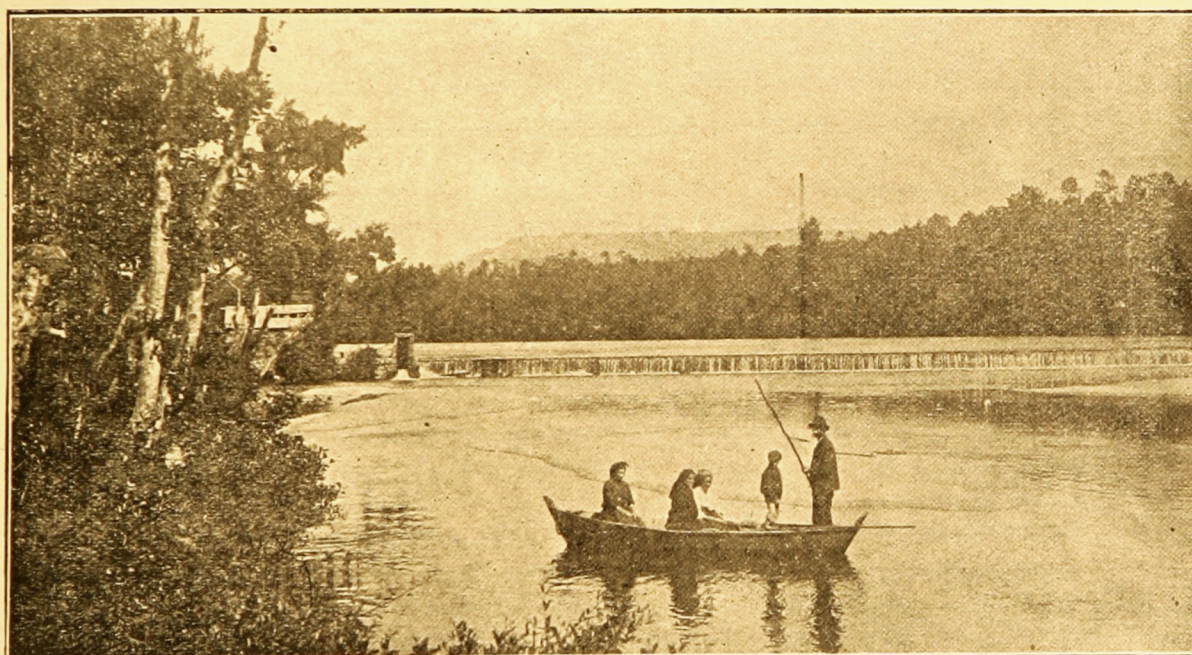
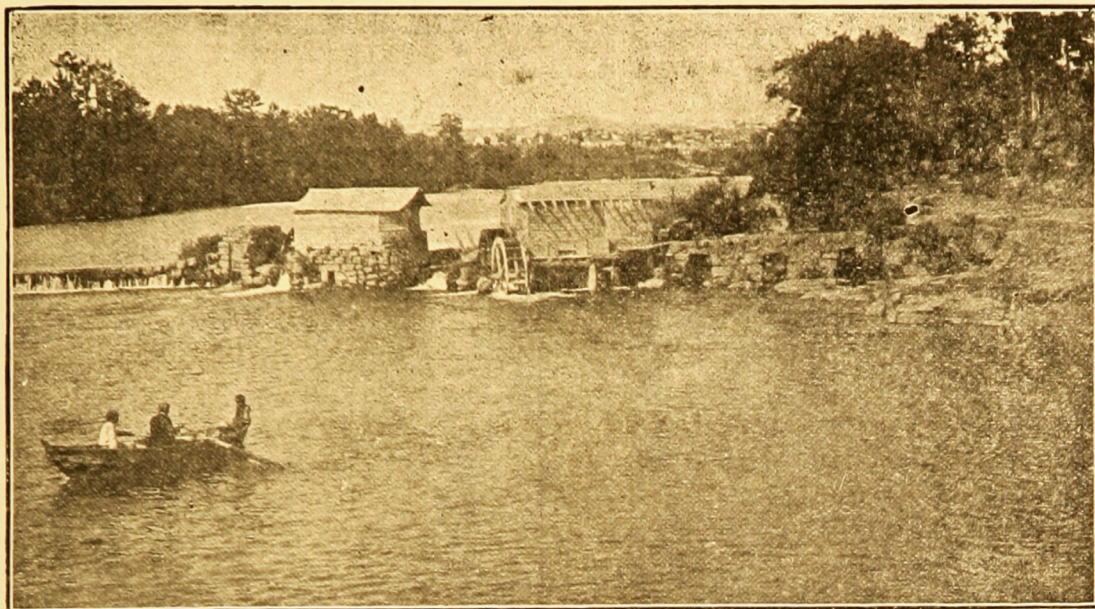
Capella da casa Arroios nos suburbios de Villa Real, propriedade e jazigo da familia Rebello de Menezes e n'ella jaz o Arcebispo de Lamego.



As meninas Delmira de Sousa Magalhães e Conceição de Sousa Magalhães, da Regoa, no dia da sua primeira communhão, filhas do snr. Sousa Magalhães.



Grupo Dramatico da "Assembleia Gondomarense" (Juventude Catholica de Gondomar) que promoveu as brilhantes festas n'aquella sociedade celebrando a data da sua installação.—1. O ensaiador snr. Gonçalves Correia. 2.—Padre Manoel Tavares, digno assistente ecclesiastico. 3. Alexandre Martins.



BARCELLOS

*O Cávado na Açude de
Meréces
perto de Barcellinhos.
2—O Açude de Santa
Engenia, no Cávado.*

Phots. de A. Soucasaux.

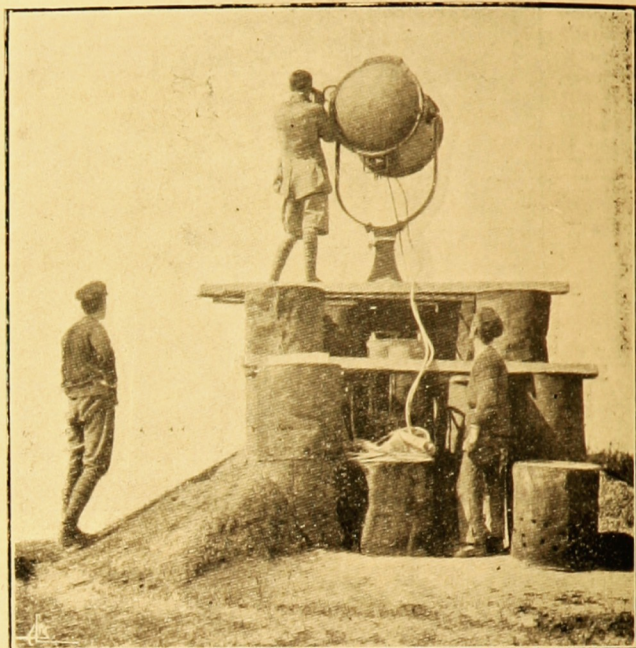
BRAGA ANTIGA

*O antigo chafariz do Largo
dos Penedos.*

Phot. Felix Cruz.



Guerra Europeia



1 — Um aviador lançando uma bomba sobre uma povoação.

2 — Um posto de vigia na costa inglesa, provido d'um reflector electrico para communicar com a flota.

3 — Vista geral do porto de Trieste.



PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

XXVI Critica de Arte—(Expressão.)



NÃO basta que as figuras estejam distribuidas com novidade para que um quadro seja perfeito ha outras qualidades que o critico deve observar.

Primeiramente a posição de cada uma dellas, tanto em si como em relação as outras. Com respeito ao nexu que devem ter entre si e com objecto principal da composição já algo se disse nos artigos precedentes. Quanto á posição de cada uma, é necessario que haja nellas vida e movimento. Este porem não deve ser tão exagerado que venha a romper a harmonia do conjuncto ou introduzir posições ridiculas e funambulescas.

A idade e physionomia das personagens do fundo e ornatos do quadro, os elementos accessorios, devem ser taes que correspondam ao assumpto que se deseja representar. Na primitiva arte christã e na arte byzantina ha grandes defeitos neste particular. Não se differenciam os homens dos meninos senão pelo tamanho, daqui as creanças serem uns monstros disformes; as physionomias repetem-se em mais de um personagem, o que os distingue é o vestido. Os primitivos pintores da renascença tambem não olharam para a conveniencia que deveria existir en're os trajas, scenarios, e o tempo em que passou o factu representado. Assim os soldados de Fra Angelico estão vestidos como pagens florentinos, os reis magos vestem como os grandes senhores contemporaneos; Gurilandaio dá á casa de Santa Anna o aspecto das casas ricas do seu tempo; Perugino deu como fundo da sua *Virgem dolorosa* um edificio do renascimento.

Neste particular são notaveis os progressos dos artistas dos nossos tempos; nunca será demasiadamente louvado o empenho com que estudam as características do tempo e logar em que se vivem o personagem com o fim de resuscitar o ambiente verdadeiro contemporaneo. Sirva de exemplo o bellissimo *Ecce Homo* do pintor moderno Cizeri. Nelle está representado com a maior verosimilhança o ambiente historico em que se passou a scena da apresentação de Christo Nosso Senhor por Poncio Pilatos aos judeus. E' admiravel o modo como este artista soube alliar a verdade historica com a gravidade do assumpto, como soube retratar na physionomia dos personagens os seus sentimentos.

Outro exemplo notavel é o quadro do milagre de Bolsena, de Raphael.

A esta exteriorisação por meio das formas e das côres daquillo que se passa dentro da alma, dà-se o nome de *expressão artistica*. O seu objecto principal são as paixões e sentimentos da alma, os estados diversos da mente e do espirito. Directamente visa a figura humana; indirectamente os outros seres, e na pintura: o fundo colorido etc.

Elementos da expressão. «A expressão, diz Grossi Gondi, depende da posição do corpo, dos gestos e movimentos, da attitudo da cabeça, da côr que toma a pelle e das modificações que soffrem a fronte, as sobrançelhas, polpebras, nariz, bocca e sobretudo o modo de olhar. Assim, todas as partes do corpo são outra tantas linguas que manifestam os sentimentos internos, consoante o adagio antigo *tot linguae, quot membra viro.*»

E' claro que os meios de que dispõe o pintor são muito mais variados do que na esculptura. Com effeito as diversas colorações do rosto e da carnação são outros tantos recursos com que num quadro se podem variar as expressões. A propria attitudo tem maior elasticidade na pintura, já que não existe a preocupação do equilibrio da estatua, que ha de trazer sempre deante dos olhos o exculptor.

Da expressão dimana em grande parte a força educativa das obras de arte nos que as contemplam. Como a leitura dos bons livros, como a audição de musicas, elevam o espirito, assim a obra de arte religiosa quando é expressiva, move o espirito ao bem, suggere pensamentos, ideaes quo o sobilitam. Ao contrario a arte sem ideal, sem expressão espiritual, e rebaixa e materialisa os que a cultivam.

AGNUS

QUADROS

IV.

MORTE SIMPLES

Ao mavioso poeta J. Constantino Ribeiro Coelho

Morreu, sorrindo, livre d'agonia.
Da côr da cal...
N'aquelle dia,
Foi para o ceu, mais pura que o crystal...

Lembrava a encarnação da nostalgia
Sentimental,
Ave Maria
Que o proscripto murmura n'um pinhal...

E lá se foi do leito, da mansarda,
Linda a sorrir-me,
Feliz por vêr que a morte lhe não tarda...

Meu Deus! Como eu a amei ao despedir-me!...
Anjo da Guarda,
Dá-me uma morte assim... que é a vida firme.

José Agostinho,

A ESMOLA FLOR DA CARIDADE

Na obra de Santa Clara era um dia Izabel,
Carinhosa e feliz, a repartir ducados
Aos operarios seus, pobres—envergonhados,
E dirigiu-lhe o Rei censura mui cruel.

Silenciosa a Rainha e aberto o seu fardel,
Um milagre se viu dos mais assignalados:
Estavam os metaes em rosas transformados!
Ficou a portadora envolta n'um laurel...

E nada mais, d'um caso assim, nos diz a historia,
Porém, tanto indaguei, que já posso dizer:
Não ficara perdida acção tão meritoria.

Essas rosas, depois, tornaram inda a ser
Ouro, nas mãos do Pobre! Uma velha—Memoria
D'um Operario Regio—o diz, que eu soube ler.

Tarouca, Julho de 1917.

Abbade José Castro.

SANTA IZABEL

A Rainha Santa

(4 DE JULHO)

De todas as nações foi a Aguia outr'ora a Hespanha,
As asas Portugal e o reino de Aragão:
O rebento maior d'aquella geração
Em nossos corações tem sua alta a peanha.

No throno lusitano a famosa campanha
Fez de rainha e santa, e a dupla obrigação
Soube desempenhar, com o feliz condão
De alma predestinada a tão audaz façanha.

D'um valoroso rei a espoza sublimada
Digna mãe d'antes com aspiração maior,
Medianeira da paz aos dois do céu mandada,

O manancial do seu poder mostrou melhor,
Quando fugiu da Côte, em vida amortalhada.
E de Clara offuscou milagres e rigor.

Tarouca, 1917.

Abbade José Castro.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da *Coleção Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, tumultos e roubos. segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião 9-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoia de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º — BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA